

O caminho da saúde sexual e reprodutiva na América Latina: uma análise temporal de indicadores para países da Região¹

Gabriela Marise de Oliveira Bonifácio²

Laura L. Rodriguez Wong³

O objetivo desse trabalho é apresentar a evolução de um conjunto de indicadores (proporção de mulheres sem filhos, idade mediana ao ter o primeiro filho, uso – e não uso – de método contraceptivo e presença de filho ao usar contracepção pela primeira vez) no tempo, para três países da América Latina – Brasil, Colômbia e El Salvador – que possuem níveis de fecundidade atual diferentes, a fim de verificar a evolução desses indicadores na medida em que esses países avançaram na transição da fecundidade. A partir da análise proposta, a ideia foi entender se o comportamento dos indicadores sofreu mudanças significativas com o declínio da fecundidade e se ocorreu de maneira homogênea em contextos distintos. Para tanto, recorreu-se aos dados das pesquisas do tipo DHS (Demographic Health Survey) e RHS (Reproductive Health Survey) em três pontos no tempo: década de 80, década 90 e a pesquisa mais recente disponível, além de considerar grupos etários reprodutivos e níveis de escolaridade. Desse modo, foi possível captar o comportamento dos indicadores em momentos distintos da transição da fecundidade e, com isso, avaliar a evolução para os países selecionados, inclusive por idade e educação das mulheres. Os resultados mostraram que, embora os países apresentem particularidades no comportamento dos indicadores e haja certas diferenças entre eles, em grande parte relacionadas ao nível de fecundidade que possuem, mesmo assim é possível verificar uma tendência similar de mudança à medida que a fecundidade diminui, sugerindo que quanto mais baixo o nível de fecundidade, mais homogêneo tende a ser o comportamento dos indicadores. Os resultados gerados, portanto, permitem concluir que a transição da fecundidade provoca mudanças importantes nos indicadores estudados, sugerindo que o comportamento sexual e reprodutivo está evoluindo na Região. Os tomadores de políticas públicas tem de estar atentos às novas demandas e comportamentos, a fim de traçar estratégias mais eficientes no tocante a esse assunto. E o fato de as transformações estarem operando em contextos diferentes, como é o caso dos países estudados, chama a atenção para a inevitabilidade do processo de mudança que está em curso na América Latina, e que atinge a todos os países de maneira similar.

Palavras-chave: fecundidade; saúde sexual e reprodutiva; América Latina e Caribe; DHS.

¹ Esse artigo é um produto parcial de alguns resultados gerados na tese intitulada “Evolução do padrão de fecundidade na América Latina: em busca de uma idiosincrasia” da primeira autora.

² Bolsista de pós-doutorado Capes na ENCE/IBGE.

³ Professora Associada de Demografia em CEDEPLAR/UFMG.

INTRODUÇÃO:

O início do processo de transição da fecundidade na América Latina está intimamente relacionado com as mudanças no comportamento sexual e reprodutivo da população, especialmente da parcela feminina. Os métodos modernos tornaram-se os mais comuns, mas, ao mesmo tempo, a idade média à reprodução diminuiu, passando a se concentrar nas idades mais jovens. Daí a elevada incidência de gravidez na adolescência na maioria dos países latino-americanos, com o uso de contracepção ocorrendo com maior frequência somente após o nascimento do primeiro filho. Desse modo, a reprodução inicia-se a uma idade jovem, porém termina a uma idade também jovem, indicando que, na Região, o uso de contraceptivo tem o propósito de terminar a parturição, e não de adiar ou espaçar os nascimentos, como observa-se em países europeus. Esse perfil, no entanto, não parece ter mudado na atualidade, mesmo com o declínio constante do nível de fecundidade dos países. Nesse sentido, a proposta desse trabalho surgiu de uma indagação sobre se o declínio do nível de fecundidade dá-se a um ritmo diferente daquele notado para as transformações nos indicadores de comportamento sexual e reprodutivo. É possível que os países avancem no processo de transição de fecundidade sem alterar o perfil de comportamento sexual e reprodutivo observado no início da transição? Além disso, os países iniciaram o processo em épocas e com ritmos de queda distintos, sendo assim, os diferentes níveis de fecundidade observados na atualidade refletem perfis de comportamento sexual e reprodutivo também diferentes entre os países? Sabendo-se que a fecundidade afeta e é afetada pelo comportamento sexual e reprodutivo da população, espera-se que as mudanças nesse último estejam sincronizadas com o declínio da primeira, afastando-se cada vez mais do cenário observado na época de fecundidade elevada, na medida em que o país avança no processo de transição. Como consequência dessa relação, espera-se que países com níveis distintos de fecundidade também apresentem perfis reprodutivos igualmente distintos, mas cujas diferenças tendam a diminuir quando a fecundidade atingir níveis baixos. Sendo assim, mesmo que a Região da América Latina seja bastante heterogênea em sua constituição, as disparidades entre os países, no tocante à saúde sexual e reprodutiva, tendem a decrescer com o tempo. Por fim, cabe salientar que ao se propor a analisar esses tópicos, esse trabalho assume um papel relevante no estudo da fecundidade e saúde sexual e reprodutiva sob uma perspectiva comparada na América Latina, haja vista a carência de estudos considerando essa temática abarcando países da Região.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRANSIÇÃO DE FECUNDIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE:

O início da transição da fecundidade na Região da América Latina e Caribe (ALC) ocorreu em um contexto no qual a adolescência tinha papel fundamental na vida de homens e mulheres. Isso porque é no final dessa fase quando a experiência sexual e a formação de uma união (seja ela formal ou informal) verificavam-se, bem como os nascimentos pré-maritais (Heaton et al., 2002). Desse modo, até o final da década 70, a baixa idade média ao casamento e a ausência de um controle sistemático da natalidade caracterizavam uma reprodução precoce e elevada na Região. A partir da década de 80, emerge no cenário latino-americano o que Vignoli (2005) denominou de “modernidade truncada”, na qual a parturição final passou a ser moderada (2 ou 3 filhos), já que as mulheres passaram a controlar deliberadamente a natalidade nas idades mais avançadas, diminuindo o número final de filhos tidos. No entanto, entre as adolescentes, o uso de contracepção ocorria com maior frequência somente após o nascimento do primeiro filho, mantendo o padrão de reprodução precoce de períodos anteriores (Vignoli, 2005: 02). Além disso, cabe ressaltar, conforme García e Rojas (2001), que a baixa idade média ao primeiro casamento na América Latina e Caribe manteve-se estável ao longo do século XX, não desempenhando papel importante no processo de redução da fecundidade na Região (p. 04).

A transição da fecundidade na ALC tem sido marcada pelo ritmo acelerado de declínio no tamanho da prole, facilitado pela difusão dos métodos contraceptivos modernos entre os diferentes estratos populacionais. O uso de contracepção foi inicialmente observado apenas entre as pessoas mais abastadas e residentes em áreas metropolitanas, porém, com a facilidade dos meios de comunicação e transporte, os canais de difusão dos ideais de família ampliaram-se e alcançaram os estratos mais baixos da sociedade, acelerando o ritmo da transição (Bongaarts e Watkins, 1996). Desse modo, novos ideais de comportamento reprodutivo alcançaram a realidade latino-americana, sendo o uso de contracepção moderna um elemento decisivo, impulsionado pelo apoio e financiamento de programas internacionais de planejamento familiar (Mundigo, 1992).

Os contraceptivos modernos foram adotados majoritariamente pelas mulheres mais velhas no primeiro momento, com a finalidade de terminar a reprodução; somente depois é que passaram a ser empregados pelas mulheres mais jovens (Tsui, 1985). O resultado foi a redução da idade média à reprodução na ALC, com menos de um terço do total da

fecundidade ocorrendo entre as mulheres acima de 35 anos (UN DESA, 2002: 138). Segundo Guzmán et al. (2006), na Região como um todo a idade média à maternidade diminuiu de aproximadamente 30 anos na década de 1960 para 27 anos em 2000-2005, contribuindo para a concentração da fecundidade nas idades 20-24 anos, em contraposição ao período de início da transição, em que era maior no grupo 25-29 anos. Esse processo de rejuvenescimento da estrutura etária da reprodução na ALC, concomitante à queda do nível da fecundidade, acentuou a importância da questão da fecundidade adolescente, que passou a representar uma das principais características do modelo reprodutivo na Região e persiste na atualidade.

Os níveis da fecundidade permanecem em declínio na ALC. Essa redução, contudo, é atribuída atualmente à queda do número de filhos tidos entre as mulheres de escolaridade mais baixa, e não entre as mulheres dos setores mais abastados, como foi verificado no início do processo de transição. O caso do Brasil serve de exemplo. A diminuição do nível de fecundidade desse país, para a última década (2000-2010), foi devido, em grande medida, à redução da fecundidade das mulheres menos escolarizadas e daquelas de status econômico mais baixo, já que, entre as mais escolarizadas, houve, inclusive, um certo aumento (Cavenaghi e Berquó, 2014: 73). Outro aspecto a ser destacado no cenário atual é o aumento da proporção de mulheres latino-americanas com vinte ou trinta anos de idade que ainda não fizeram a transição para a maternidade entre a década de 70 e primeiro quinquênio de 2000, o que sugere um adiamento da maternidade, e também à redução da proporção de latino-americanas que tem o primeiro filho nas idades abaixo de 30 anos (Rosero-Bixby et al., 2009). Essas mudanças que despontam no contexto da ALC parecem sinalizar para uma nova realidade reprodutiva, rompendo com paradigmas presentes nos modelos até então observados. Nesse sentido, um novo cenário parece estar se despontando na Região, mas, como os países ainda estão em processo de transição, algumas características permanecem desde o início, como a elevada fecundidade adolescente. Uma explicação para essa evolução no perfil reprodutivo latino-americano é encontrada em Penfold e Guzmán (2014), para quem a sociedade latino-americana está vivenciando um aumento do tamanho e da importância da classe média, e isso tem impacto substantivo na fecundidade, já que essa classe apresenta comportamento pós-materialista e reprodutivo parecido ao que é encontrado em alguns países europeus que já passaram pela transição, novamente apontando para transformações importantes nos indicadores de fecundidade e saúde sexual e reprodutiva na Região.

Conquanto a transição da fecundidade tenha se processado com particularidades entre os países da ALC, como atestam alguns autores (Rosero-Bixby, 1996; Zavala de Cosío, 1992;

Chackiel e Schkolnik, 1990), as mudanças aqui explicitadas ocorreram de maneira geral em toda a Região, indicando que os países tendem a seguir um caminho parecido de transformações com o declínio da fecundidade.

METODOLOGIA:

Objetivos:

A fim de captar as mudanças que ocorreram na Região da América Latina e Caribe, durante o processo de transição da fecundidade, esse trabalho toma como objetivo apresentar a evolução de um conjunto de indicadores (proporção de mulheres sem filhos, idade mediana ao ter o primeiro filho, uso – e não uso – de método contraceptivo e presença de filho ao usar contracepção pela primeira vez) no tempo, para três países – Brasil, Colômbia e El Salvador – que possuem níveis de fecundidade atual diferentes, portanto, encontram-se em momentos distintos do processo de transição. Além disso, procurar-se-á analisar esse conjunto de indicadores proposto por grupos de idade e escolaridade das mulheres, de maneira a verificar diferenças entre segmentos da população, uma vez que a idade e a escolaridade são fatores preponderantes no estudo de fecundidade e saúde sexual e reprodutiva na Região.

Dados e método:

O conjunto de indicadores proposto será obtido fazendo-se uso dos dados das pesquisas do tipo DHS (Demographic Health Survey) e RHS (Reproductive Health Survey) em três pontos no tempo: década de 80, década 90 e a pesquisa mais recente disponível. Essas pesquisas possuem uma série de variáveis que permitem o cálculo de indicadores de saúde sexual e reprodutiva e de fecundidade, além de seguirem um roteiro de questionário e um modelo de tratamento e divulgação das informações muito parecido, permitindo uma análise comparativa dos resultados entre diversos países.

As mulheres em idade reprodutiva, consideradas nesse trabalho como tendo entre 15-44 anos de idade, constituem a população alvo das análises. A exclusão dos homens se deve unicamente a ausência (ou escassez) de informações para essa população nas bases de dados estudadas. E a escolha dos países deve-se a possuírem níveis de fecundidade diferentes: abaixo do nível de reposição (Brasil); no nível de reposição (Colômbia) e acima do nível de reposição (El Salvador). Assim, o estudo do comportamento dos indicadores será realizado sob uma perspectiva mais ampla.

Os indicadores serão analisados por grupos de idade – 15-19, 20-24, 25-29, 30-34, 35-39 e 40-44 – que compreendem o ciclo reprodutivo feminino, e também por grupos de escolaridade das mulheres, identificados em: baixa escolaridade, média escolaridade e alta escolaridade. A divisão da escolaridade nesses três grupos foi uma maneira efetiva encontrada para permitir uma comparação entre os países, sem prejuízo ao fato de possuírem sistemas de ensino distintos⁴.

Em relação ao cálculo dos indicadores, alguns apontamentos merecem destaque. No que diz respeito à idade mediana ao ter o primeiro filho, ela foi obtida a partir do grupo etário 25-29. Esse indicador é resultante de uma interpolação linear entre as idades nas quais 50% ou mais das mulheres tiveram o primeiro filho. Desse modo, nos grupos etários mais jovens (15-19 e 20-24), menos da metade das mulheres, na data da entrevista, tiveram o primeiro filho antes do limite inferior do grupo etário, impossibilitando a estimativa. Somente quando a análise é realizada por nível de escolaridade é que tornou-se possível obter a idade mediana para o grupo 20-24 em algumas ocasiões, mas para a faixa 15-19 em nenhum momento houve número de casos suficiente para o cálculo desse indicador. Além disso, para o indicador de “proporção de mulheres sem filhos”, a análise será realizada apenas para os três primeiros grupos etários (15-19, 20-24 e 25-29). Isso porque o comportamento reprodutivo dessas coortes mais jovens é mais representativo da realidade da época em que os *surveys* foram realizados, uma vez que as mulheres das coortes mais velhas estiveram expostas a um contexto de fecundidade mais antigo e, por isso, na época de realização dos *surveys*, estariam finalizando o período reprodutivo. Ademais, nos grupos etários mais velhos, a probabilidade de as mulheres terem passado pela maternidade é maior, sendo pequena a proporção de mulheres sem filhos, tendo, portanto, pouca contribuição para a análise do comportamento desse indicador. Por fim, cabe salientar que nem todos os indicadores puderam ser estimados para El Salvador em 1985, devido à ausência de informações necessárias na base de dados desse país, no referido ano. Assim, nesses casos, serão analisados somente Brasil e Colômbia.

RESULTADOS:

⁴ Os três níveis de escolaridade foram determinados a partir da divisão da variável discreta “anos de estudo”, presente nas bases de dados, ou estimada usando outras variáveis de escolaridade do país, em tercís: o primeiro tercil referiu-se à baixa escolaridade, o segundo tercil como representativo da média escolaridade e o último tercil correspondeu à escolaridade mais elevada. Embora possua limitações, esse método foi aquele mais adequado encontrado para comparar os indicadores, por escolaridade, entre diferentes países com sistemas de ensino distintos.

A fim de facilitar a interpretação dos resultados, a divisão temporal foi realizada para três períodos que compreenderão os seguintes anos:

1º período: Brasil-1986, Colômbia-1986 e El Salvador-1985

2º período: Brasil-1996, Colômbia-1995 e El Salvador-1998

3º período: Brasil-2006, Colômbia-2010 e El Salvador-2008

A TAB. 1 contém a Taxa de Fecundidade Total (TFT), que representa o nível de fecundidade de cada país, nos períodos determinados. É possível verificar o declínio na TFT com o avanço no tempo, de modo que atualmente observa-se um contexto bem diferente em relação ao primeiro período.

Tabela 1. Taxa de Fecundidade Total (TFT) para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-49 anos.

1º Período	TFT	N	2º Período	TFT	N	3º Período	TFT	N
Brasil - 1986	3,45	3647	Brasil - 1996	2,54	7323	Brasil - 2006	1,79	8762
Colômbia - 1986	3,21	2940	Colômbia - 1995	2,97	6565	Colômbia - 2010	2,14	28742
El Salvador - 1985	4,21	3297	El Salvador - 1998	3,51	11142	El Salvador - 2008	2,42	10253

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

As transformações que ocorreram no nível de fecundidade dos países acabaram refletindo-se no comportamento dos indicadores. No que se refere ao uso de contracepção na data da pesquisa, destacam-se as jovens. O primeiro e o segundo período, caracterizados por fecundidade acima do nível de reposição nos três países (TAB. 1), foram também marcados pela elevada proporção de jovens que não faziam uso de contraceptivos (TAB. 2.1, Anexo II). No Brasil e na Colômbia, a maioria das mulheres de 15-19 e 20-24 não fazia uso de nenhum método (acima de 50%), enquanto que em El Salvador isso se estendia também para as mulheres de 25-29 anos (TAB. 2.1, Anexo II). Esse cenário é compatível com o que a literatura afirma sobre o uso de métodos iniciar-se entre as mulheres mais velhas e, somente mais tarde, atingir as mais jovens. Como, no primeiro período, os países ainda estavam no início da transição, é compreensível que a proporção de uso, entre as jovens, fosse baixa. No terceiro período, porém, houve um aumento expressivo do uso de contracepção entre as mulheres jovens, com a maioria, a partir do grupo 20-24, fazendo uso de contraceptivos no Brasil e Colômbia, e a partir do grupo 25-29 em El Salvador (TAB. 2.1, Anexo II). Os contraceptivos modernos sempre foram majoritários entre aquelas que faziam uso de algum método, como herança dos programas internacionais de planejamento familiar. O uso de contracepção por escolaridade, por sua vez, seguiu tendência semelhante ao que foi verificado

para o total dos países. Tanto no primeiro quanto no segundo período, a maioria das jovens de 15-24 anos, dos três níveis de escolaridade (baixa, média e alta) não fazia uso de nenhum método, nos três países (TAB. 2.2, Anexo II). Mas essa realidade muda no terceiro período para Brasil e Colômbia, em que somente as adolescentes apresentaram valores acima de 50% entre as que não estavam usando nenhum método na data da entrevista, para os três níveis de escolaridade (TAB. 2.2, Anexo II). Em El Salvador, isso só ocorreu no nível médio, já que entre aquelas de baixa e elevada escolaridade ainda eram a maioria as jovens com até 24 anos que não faziam uso de nenhum método (TAB. 2.2, Anexo II). O que diferencia os países, no entanto, é o comportamento do grupo 25-29. No Brasil, somente entre as mulheres de baixa escolaridade, e apenas no primeiro período, é que o percentual daquelas de 25-29 anos que não estavam usando método era acima de 50% (TAB. 2.2, Anexo II). Na Colômbia, no primeiro período, as mulheres dessa faixa etária, de baixa e alta escolaridade, apresentavam valores acima de 50%; no segundo período, isso ocorreu apenas entre as de alta escolaridade e, no terceiro período, não houve em nenhuma faixa educacional (TAB. 2.2, Anexo II). Em El Salvador, o comportamento observado é parecido com o que foi descrito para a Colômbia, com a exceção de que, no segundo período, a maioria das jovens de 25-29 de alta e também de baixa escolaridade não fazia uso de método contraceptivo (TAB. 2.2, Anexo II). Em relação a este último país, chama a atenção o fato de ser elevada, em todas as faixas etárias, a proporção de mulheres de baixa escolaridade que não faziam uso de contraceptivos nos períodos analisados, em comparação aos outros países. De maneira geral, no entanto, o que foi observado, ao longo dos três períodos, refere-se a um incremento significativo no uso de contracepção moderna em todas as faixas etárias, em especial entre as jovens, ao mesmo tempo em que há redução do nível de fecundidade. Desse modo, é possível perceber a influência da difusão dos ideais reprodutivos presentes nos países desenvolvidos, principalmente europeus, com o uso de métodos contraceptivos modernos como importante expoente, no comportamento das latino-americanas, que primeiramente alcançaram as mais abastadas e depois chegaram até os estratos socioeconômicos mais baixos, conforme explicam Bongaarts e Watkins (1996). Mesmo assim, a diferença de uso entre os níveis de escolaridade permaneceu, principalmente em El Salvador.

Além do uso de contracepção não ser considerável no primeiro período de análise, chama a atenção a elevada proporção de jovens (15-24 anos) que possuíam filho quando usaram método pela primeira vez, chegando a ultrapassar 50% no grupo 20-24, na Colômbia, como é apresentado na TAB. 2:

Tabela 2. Proporção (%) de mulheres que tinham, ou não tinham, filho nascido vivo, quando do primeiro uso de método contraceptivo, para países selecionados, no primeiro período de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

País	Presença de Filho ao Usar Método Contraceptivo Pela Primeira Vez												N
	Tinha Filho Nascido Vivo						Não Tinha Filho Nascido Vivo						
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	
Brasil - 1986	35,8	40,0	43,6	56,7	69,6	76,6	64,2	60,0	56,4	43,3	30,4	23,4	3514
Colômbia - 1986	41,1	65,3	73,3	83,8	89,2	94,1	58,9	34,7	26,7	16,2	10,8	5,9	2614
El Salvador - 1985*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Não existem informações sobre esse indicador para El Salvador no primeiro período, somente para o segundo e terceiro períodos.

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

Desse modo, tanto as coortes mais velhas, quanto as mais jovens, vivenciavam uma realidade de uso de contraceptivo, em grande parte, após ter tido filho, como já havia observado Vignoli (2005). Isso é mais grave na Colômbia, onde nas idades acima de 25 anos a quase totalidade das mulheres tiveram filho antes de começar a usar contracepção, indicando o caráter de terminação da reprodução quanto ao uso de métodos entre as mulheres mais velhas. Essa realidade muda no transcorrer dos outros períodos, conforme a TAB. 3:

Tabela 3. Proporção (%) de mulheres que tinham, ou não tinham, filho nascido vivo quando do primeiro uso de método contraceptivo, para países selecionados, no segundo e terceiro período de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

País	Presença de Filho ao Usar Método Contraceptivo Pela Primeira Vez												N
	Tinha Filho Nascido Vivo						Não Tinha Filho Nascido Vivo						
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	
Brasil - 1996	16,8	27,2	33,5	41,7	47,2	55,4	83,2	72,8	66,5	58,3	52,8	44,6	8212
Colômbia - 1995	24,8	43,6	51,1	62,3	68,1	75,6	75,2	56,4	48,9	37,7	31,9	24,4	6918
El Salvador - 1998	45,8	63,3	78,1	86,4	85,1	86,2	54,2	36,7	21,9	13,6	14,9	13,8	2421
Brasil - 2006	5,7	11,9	18,2	24,8	27,6	31,2	94,3	88,1	81,8	75,2	72,4	68,8	11951
Colômbia - 2010	12,3	26,2	37,4	47,0	54,8	60,6	87,7	73,8	62,6	53,0	45,2	39,4	36913
El Salvador - 2008	22,0	39,3	61,7	74,4	77,0	83,2	78,0	60,7	38,3	25,6	23,0	16,8	2928

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

No segundo e terceiro períodos, a proporção de jovens (15-24 anos) que tiveram filho antes de começar a usar método reduziu-se consideravelmente em Brasil e Colômbia (TAB. 3). Até mesmo nas coortes mais velhas essa proporção diminuiu, principalmente no Brasil, onde uma menor parcela das mulheres, de todas as idades, teve filho antes de iniciar o uso de contracepção, no terceiro período, segundo os dados da TAB. 3. El Salvador também apresentou quedas importantes no percentual de mulheres que tiveram filho antes de usar método pela primeira vez, mesmo assim, apenas as coortes mais jovens de 15-24 anos passaram a exibir proporção abaixo de 50% no terceiro período. Entre as coortes mais velhas, no entanto, a realidade não sofreu alteração, com a maioria ainda tendo filho antes de começar

a usar método. Situação semelhante é observada por escolaridade, conforme as informações da TAB. 4:

Tabela 4. Proporção (%) de mulheres que tinham, ou não tinham, filho nascido vivo quando do primeiro uso de método contraceptivo, segundo categorias de escolaridade, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

Período de análise	País	Presença de Filho ao Usar Método pela 1ª vez	Nenhuma/Baixa escolaridade						Média escolaridade						Alta escolaridade					
			15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
1º Período	Brasil 1986	Tinha Filho	51,1	62,2	70,9	77,0	88,4	93,9	38,6	42,8	48,6	64,4	69,3	73,4	17,0	20,7	22,2	24,9	41,1	47,1
		Não tinha filho	48,9	37,8	29,1	23,0	11,6	6,1	61,4	57,2	51,4	35,6	30,7	26,6	83,0	79,3	77,8	75,1	58,9	52,9
			N = 1132						N = 1284						N = 1088					
	Colômbia 1986	Tinha Filho	39,3	80,7	88,1	94,1	96,9	95,2	55,2	74,3	80,2	89,6	94,1	97,0	9,1	43,5	55,4	63,5	67,9	79,4
Não tinha filho		60,7	19,3	11,9	5,9	3,1	4,8	44,8	25,7	19,8	10,4	5,9	3,0	90,9	56,5	44,6	36,5	32,1	20,6	
		N = 873						N = 1011						N = 731						
2º Período	Brasil 1996	Tinha Filho	33,1	44,7	54,5	62,2	64,4	71,4	14,4	29,9	29,6	39,5	42,7	50,0	2,2	7,8	14,2	21,7	23,9	26,7
		Não tinha filho	66,9	55,3	45,5	37,8	35,6	28,6	85,6	70,1	70,4	60,5	57,3	50,0	97,8	92,2	85,8	78,3	76,1	73,3
			N = 3113						N = 2674						N = 2413					
	Colômbia 1995	Tinha Filho	40,2	63,8	72,9	81,3	83,2	89,7	20,9	49,4	57,2	62,7	68,6	71,1	8,2	17,9	27,7	40,0	44,5	45,8
		Não tinha filho	59,8	36,2	27,1	18,7	16,8	10,3	79,1	50,6	42,8	37,3	31,4	28,9	91,8	82,1	72,3	60,0	55,5	54,2
			N = 2812						N = 1887						N = 2216					
El Salvador 1998	Tinha Filho	60,8	78,7	86,3	96,3	92,1	99,0	45,9	72,7	90,2	98,2	95,1	94,5	31,2	42,2	63,0	70,5	68,4	59,7	
	Não tinha filho	39,2	21,3	13,7	3,7	7,9	1,0	54,1	27,3	9,8	1,8	4,9	5,5	68,8	57,8	37,0	29,5	31,6	40,3	
		N = 820						N = 722						N = 882						
3º Período	Brasil 2006	Tinha Filho	9,5	23,2	34,9	39,8	45,5	49,5	3,9	14,8	16,8	26,9	29,4	26,1	5,9	5,0	7,9	12,1	10,9	12,8
		Não tinha filho	90,5	76,8	65,1	60,2	54,5	50,5	96,1	85,2	83,2	73,1	70,6	73,9	94,1	95,0	92,1	87,9	89,1	87,2
			N = 4367						N = 3773						N = 5313					
	Colômbia 2010	Tinha Filho	26,7	52,2	61,4	66,6	71,7	73,0	9,5	30,8	39,4	47,7	52,9	57,0	2,6	5,8	16,5	23,6	29,2	34,7
		Não tinha filho	73,3	47,8	38,6	33,4	28,3	27,0	90,5	69,2	60,6	52,3	47,1	43,0	97,4	94,2	83,5	76,4	70,8	65,3
			N = 11594						N = 15609						N = 9713					
El Salvador 2008	Tinha Filho	25,6	73,9	80,0	86,8	89,9	94,7	26,1	40,7	74,4	84,0	87,1	91,4	6,3	17,8	38,4	50,0	48,8	60,0	
	Não tinha filho	74,4	26,1	20,0	13,2	10,1	5,3	73,9	59,3	25,6	16,0	12,9	8,6	93,7	82,2	61,6	50,0	51,2	40,0	
		N = 975						N = 958						N = 994						

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

É possível perceber a grande diferença na característica das mulheres de alta para aquelas de baixa escolaridade. Nos três países, bem como em todos os períodos, o percentual de jovens de 15-24 anos, de alta escolaridade, que tiveram filho antes de começar a usar método era pequeno, ao passo que, entre as de baixa escolaridade, apenas no Brasil, nos dois últimos períodos, encontrava-se abaixo de 50%. O Brasil, inclusive, foi o que apresentou cenário mais positivo, nos três períodos: o percentual de mulheres que tiveram filho, antes de usar método pela primeira vez, é mais baixo em relação aos outros países, para qualquer nível de escolaridade. El Salvador esteve na contramão, possuindo os maiores percentuais, com diferença relevante para o Brasil. Esses dados mostram os contrastes internos e entre os países no comportamento sexual ao longo do tempo, que, embora tenham diminuído, tal queda ainda não foi suficiente para mudar o cenário de desigualdade.

As informações até então apresentadas são coerentes com a baixa idade mediana com que as mulheres tinham o primeiro filho, nesses países analisados, situando-se abaixo dos 24 anos, conforme mostra a TAB. 5:

Tabela 5. Idade Mediana ao Ter o Primeiro Filho, por grupo etário, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 25-44 anos.

Período	País	25-29	30-34	35-39	40-44	N
1º Período	Brasil-1986	22,4	22,8	22,4	22,2	4587
	Colômbia-1986	21,6	21,9	21,7	20,8	3743
	El Salvador-1985	-	-	-	-	-
2º Período	Brasil-1996	22,2	22,2	22,3	22,4	8958
	Colômbia-1995	22,4	22,2	21,9	22,1	8005
	El Salvador-1998	20,5	20,7	20,2	20,3	12522
3º Período	Brasil-2006	22,8	22,4	23,0	23,1	11305
	Colômbia-2010	21,4	21,1	21,4	22,0	34647
	El Salvador-2008	20,8	20,7	20,9	21,1	11910

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

No primeiro período, a idade mediana ao ter o primeiro filho para as mulheres mais jovens (25-29 anos) não era muito diferente da idade mediana para as coortes imediatamente mais velhas. Isso significa que não houve aumento contínuo do valor desse indicador entre as coortes, de modo que as diferentes coortes de mulheres mantiveram um comportamento parecido no que tange à idade ao ter o primeiro filho. O Brasil apresentou valores mais elevados no indicador que a Colômbia, sugerindo que as mulheres brasileiras tinham o primeiro filho a idades um pouco mais velhas. No segundo e terceiro período, houve aumento do indicador para algumas idades e diminuição em outras, mas isso não se deu homogeneamente entre os países. A Colômbia foi o único país em que a idade mediana ao ter o primeiro filho diminuiu entre o segundo e o terceiro período; nos outros, observou-se aumento ou estabilidade. O Brasil foi o que apresentou os maiores valores em todas as coortes, enquanto que El Salvador os menores valores, tanto no segundo quanto no terceiro período.

O que chama a atenção, no entanto, é que as mudanças que ocorreram no indicador não foram muito expressivas ao longo do tempo, de modo que se notou um acréscimo máximo de 1 ano na idade mediana ao longo dos períodos, para todas as coortes. Isso permite entender que a importante queda na fecundidade dos países analisados não foi seguida por mudanças, na mesma magnitude, na idade mediana ao ter o primeiro filho. Ademais, o valor desse indicador, para as coortes mais jovens não se difere muito daquele para as coortes mais velhas, em nenhum país ou período, o que significa que a idade mediana com que as mulheres

têm filhos não mudou muito entre as gerações, permanecendo próximo ou abaixo dos 23 anos em todos os períodos.

Quanto ao comportamento desse indicador por escolaridade, a TAB. 6 apresenta os resultados:

Tabela 6. Idade Mediana ao Ter o Primeiro Filho, por grupo etário, segundo categorias de escolaridade, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 20-44 anos.

Período de análise	País	Nenhuma/Baixa escolaridade					Média escolaridade					Alta escolaridade				
		20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
1º Período	Brasil 1986	19,5	20,5	21,0	21,3	21,5	-	20,9	22,0	21,6	21,8	-	-	26,1	26,1	26,2
		N = 1512					N = 1556					N = 1511				
	Colômbia 1986	19,5	19,5	20,3	20,3	20,5	-	20,7	21,8	21,2	21,1	-	24,8	24,9	25,3	24,1
2º Período	Brasil 1996	-	19,8	20,3	20,9	21,4	-	21,5	21,6	22,4	21,8	-	-	25,5	25,9	26,0
		N = 3462					N = 2660					N = 2832				
	Colômbia 1995	19,3	19,6	20,3	20,4	20,5	-	21,5	21,5	21,0	22,9	-	-	26,3	25,8	24,5
		N = 3220					N = 1997					N = 2789				
2º Período	El Salvador 1998	18,6	18,8	19,0	19,3	19,5	19,3	19,6	19,9	19,4	19,7	-	23,5	23,5	23,0	23,1
		N = 4319					N = 3560					N = 4643				
3º Período	Brasil 2006	18,6	19,0	20,4	20,6	20,7	-	21,1	21,5	22,3	23,0	-	-	26,4	26,8	27,1
		N = 3489					N = 2839					N = 4884				
	Colômbia 2010	18,2	18,4	19,0	19,5	20,3	-	21,0	20,9	21,6	22,7	-	-	26,2	26,7	26,9
3º Período	El Salvador 2008	18,8	18,6	18,9	19,7	19,8	19,8	19,7	20,2	20,3	20,7	-	24,5	23,8	24,8	24,5
		N = 4115					N = 3523					N = 4271				

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

A idade mediana ao ter o primeiro filho apresentou valores divergentes entre os três níveis de escolaridade, como já era esperado. As mulheres de nenhuma ou baixa escolaridade sempre tiveram o primeiro filho a uma idade mais precoce do que as mulheres mais escolarizadas. Enquanto que as coortes mais jovens do nível de escolaridade mais baixo tiveram o primeiro filho ainda na adolescência, no nível de escolaridade mais alto, por exemplo, o número de mulheres de 20-24 anos que tiveram filho foi insuficiente para obter o valor da idade mediana e, entre as de 25-29, nas três ocasiões em que foram obtidas, essas idades eram superiores a 23 anos. Essa diferença reflete a grande lacuna que separa as realidades das mulheres pertencentes a estratos socioeconômicos distintos na América Latina. Sabe-se que a reprodução e, portanto, a formação familiar, está associada a diversos fatores de ordem sociológica, psicológica, econômica e cultural resultantes do contexto em que as mulheres vivem. Ao mesmo tempo, havia evidências de postergação do início da formação familiar entre as mulheres mais escolarizadas, ao passo que entre as de baixa escolaridade observou-se uma precocidade. Nesse sentido, acredita-se que nos dois casos estariam atuando fatores

muito provavelmente diferentes, talvez até contrários, ligados aos contextos de inserção distintos para essas mulheres, o que levou a comportamentos reprodutivos opostos⁵. E essa discrepância no início da reprodução, por nível de escolaridade, permaneceu ao longo do tempo e entre as gerações, de tal forma que o cenário encontrado na década de 80 praticamente se manteve na segunda metade da década de 2000.

O Brasil, país com menor nível de fecundidade, também foi o que apresentou idades medianas mais elevadas, seguido de perto pela Colômbia, cujos valores do indicador eram, muitas vezes, muito próximos aos do Brasil. El Salvador, por outro lado, foi o país com as menores idades medianas, com a maior parte das mulheres de nenhuma ou baixa e de média escolaridade tendo o primeiro filho na adolescência. Nos três países, contudo, observa-se uma queda da idade mediana entre as coortes mais jovens de nenhuma/baixa e média escolaridade, ao longo dos períodos. Esse comportamento parece indicar que o declínio da fecundidade foi seguido por um rejuvenescimento do início da reprodução entre as mulheres dessas categorias de escolaridade. Isso fica mais notório quando se comparam as coortes: nos três países, a idade mediana ao ter o primeiro filho é maior nas coortes mais velhas em relação às coortes mais jovens, em todos os períodos de análise. Na categoria de escolaridade mais alta, por outro lado, a idade mediana, no último período de análise, tende a ser maior que nos períodos anteriores, indicando um aumento do valor desse indicador no tempo. Ademais, quando se analisa por coortes, verifica-se que a idade mediana das coortes mais jovens não se difere muito da idade mediana das coortes mais velhas, em todos os períodos. Isso sugere que o comportamento da idade mediana ao ter o primeiro filho segue uma tendência diferente por níveis de escolaridade, nos três países e períodos analisados.

A idade mediana ao ter o primeiro filho guarda relação com a proporção de mulheres sem filhos, o último indicador a ser analisado. Esse indicador ajuda a compreender o comportamento reprodutivo da população na medida em que identifica a evolução da parcela de mulheres que não fizeram a transição para a maternidade. Em alguns países europeus onde o nível de fecundidade é muito baixo, por exemplo, a proporção de mulheres sem filhos tem se tornado cada vez mais elevada (Frejka e Sardon, 2006; Kohler et al., 2002).

⁵ Não é objetivo desse trabalho discutir os variados fatores que estariam por detrás do comportamento reprodutivo diferenciado das mulheres pertencentes aos distintos estratos socioeconômicos. Isso porque tal discussão é extensa e complexa, o que acabaria fugindo do escopo do trabalho. Sobre esse tema ver, por exemplo, Berquó e Cavenaghi (2014); Dadoorian (2003); Taborda et. al. (2014) e Reis e de Oliveira-Monteiro (2007).

A análise será focada apenas nos três primeiros grupos etários (15-19, 20-24 e 25-29), embora os resultados sejam apresentados para todas as idades, já que o comportamento reprodutivo das mulheres mais jovens é o que mais se aproxima da realidade da época em que os *surveys* foram realizados, conforme explicitado no item de metodologia.

No caso dos países latino-americanos selecionados, o declínio da fecundidade, que ocorreu ao longo dos períodos examinados, nem sempre seguiu-se do aumento da proporção de mulheres sem filhos, conforme a TAB. 7:

Tabela 7. Proporção (%) de mulheres sem filhos, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

Período	País	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	N
1º Período	Brasil - 1986	89,7	49,4	24,0	12,6	9,4	8,7	2246
	Colômbia - 1986	89,5	50,2	24,2	12,2	8,6	6,3	2011
	El Salvador - 1985	78,1	33,9	10,9	6,0	4,6	4,5	1495
2º Período	Brasil - 1996	85,7	50,8	26,2	12,2	9,8	7,9	4101
	Colômbia - 1995	86,6	45,3	22,7	14,5	9,2	6,3	3607
	El Salvador - 1998	79,5	40,5	16,3	7,9	4,2	4,0	5496
3º Período	Brasil - 2006	83,8	51,5	32,3	16,9	13,6	9,6	5046
	Colômbia - 2010	84,2	48,4	24,8	12,9	7,7	6,4	15006
	El Salvador - 2008	82,1	43,9	21,9	10,9	6,6	4,2	5155

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

Segundo os dados da TAB. 7, a proporção de jovens de 15-19 anos, sem filhos, diminuiu ao longo dos períodos, tanto para Brasil quanto para Colômbia, porém, nas demais idades (20-24 e 25-29), a diminuição nessa proporção foi observada apenas para Colômbia entre o primeiro e o segundo período. El Salvador foi o único país para o qual houve aumento da proporção de mulheres sem filhos em todas as idades, fazendo com que a diferença em relação aos outros países diminuísse.

É interessante notar que, apesar do declínio da fecundidade, a reprodução iniciava-se precocemente nos países, pois que, no último período, a proporção de adolescentes (15-19) sem filhos era menor que nos períodos anteriores para Brasil e Colômbia, e apenas cerca de 50% das jovens de 20-24 não tinham filhos na data da pesquisa, sendo essa proporção menor que 45% para El Salvador. A proporção de mulheres de 25-29 anos sem filhos aumentou ao longo do tempo, mas, ainda assim, entre 70% e 80% dessas mulheres já tinham se tornado mães na data da entrevista, no último período de análise (TAB. 7).

Assim, nos três períodos considerados, a proporção de mulheres sem filhos manteve o mesmo perfil, demonstrando que as latino-americanas iniciam a reprodução bem jovens, uma vez que, cerca de metade delas chegava ao grupo 20-24 já sendo mãe, e uma minoria permanecia sem filhos no grupo 25-29. E esse comportamento não se alterou ao longo do tempo, mesmo com o declínio da fecundidade em todos os países. Esse panorama contribui para a idade mediana ao ter o primeiro filho, nesses países, ser bem baixa.

A evolução da proporção de mulheres sem filhos, por escolaridade, pode ser observada na TAB. 8:

Tabela 8. Proporção (%) de mulheres sem filhos, segundo categorias de escolaridade, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

Período de análise	País	Nenhuma/Baixa escolaridade						Média escolaridade						Alta escolaridade					
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
1º Período	Brasil 1986	75,5	24,8	10,4	5,3	6,0	5,8	90,2	43,5	15,6	8,1	8,4	6,5	95,3	67,8	40,1	26,0	16,7	18,6
		N = 322						N = 815						N = 1109					
	Colômbia 1986	80,6	27,4	14,7	6,2	5,1	3,3	88,6	33,2	14,2	9,2	6,5	7,7	96,2	72,8	39,1	23,2	18,4	15,6
		N = 303						N = 767						N = 935					
	El Salvador 1985	61,9	17,3	9,2	5,95	3,28	5,41	73,9	26,6	9,09	4,69	4,47	2,16	88,5	51,6	15,6	7,45	7,69	6,52
		N = 270						N = 466						N = 755					
2º Período	Brasil 1996	75,0	34,5	11,8	5,8	6,4	5,6	85,8	39,3	20,7	10,2	7,2	5,9	96,0	74,9	45,1	21,0	17,7	15,5
		N = 855						N = 1550						N = 1694					
	Colômbia 1995	74,7	23,0	9,6	8,2	5,1	5,3	90,4	34,2	13,4	9,5	6,1	7,4	93,5	70,5	39,6	25,3	17,7	8,3
		N = 839						N = 1210						N = 1645					
	El Salvador 1998	63,0	21,1	8,0	4,5	2,9	2,4	77,6	27,3	9,5	6,1	3,1	3,7	89,8	60	27,6	12,6	6,6	7,4
		N = 814						N = 1873						N = 2807					
3º Período	Brasil 2006	70,3	21,4	8,8	6,3	6,5	3,4	83,7	39,9	24,5	10,9	5,5	11,0	96,3	70,9	50,8	28,7	24,5	16,1
		N = 622						N = 1822						N = 2577					
	Colômbia 2010	69,9	15,8	5,2	4,7	3,2	3,3	87,4	37,6	17,0	9,0	6,4	6,2	91,9	79	49,8	27,6	17,5	14,7
		N = 2093						N = 7914						N = 5452					
	El Salvador 2008	63,6	20,9	10,1	3,7	4,2	3,1	81,6	29,0	13,0	8,8	6,6	3,4	92,6	64,2	38,5	20,2	10,2	7,0
		N = 650						N = 2046						N = 2459					

Fonte: Pesquisas DHS e RHS realizadas nos anos determinados para cada país. Ver Anexo I.

A proporção de mulheres sem filhos era bastante distinta por nível de escolaridade. As menos escolarizadas apresentam proporções muito menores em relação às mulheres mais escolarizadas. No caso das adolescentes (15-19), a proporção sem filhos, que não era muito alta no primeiro período, diminuiu ao longo do tempo, alcançando os menores valores no terceiro período, entre as de escolaridade mais baixa. No entanto, entre aquelas de elevada escolaridade, a proporção sem filhos estava próxima ou acima de 90% no primeiro período, e aumentou nos períodos seguintes, chegando, no Brasil, a ultrapassar 95% das adolescentes sem filhos, no último período. Assim, a entrada precoce na maternidade era um fenômeno que

acometia uma proporção significativa de adolescentes de baixa escolaridade, enquanto era um evento mais raro entre as de alta escolaridade. E isso se manteve ao longo do tempo, chegando a agravar no último período.

A diferença por escolaridade não se dava apenas entre as adolescentes, mas, inclusive de modo mais intenso, entre as jovens de 20-24 e 25-29 anos. O exemplo da Colômbia resume bem as realidades reprodutivas discrepantes: no último período, enquanto apenas 5% das jovens menos escolarizadas de 25-29 anos não tinham filhos na data da entrevista, esse percentual era 50% entre as mais escolarizadas (TAB. 8). Desse modo, é possível perceber que o estrato socioeconômico ao qual uma mulher pertence, nesses países, tem forte relação com o seu comportamento reprodutivo.

Essas discrepâncias, verificadas de maneira similar nos três países, ajudam a entender o fato de as jovens menos escolarizadas sempre apresentarem idade mediana ao ter o primeiro filho menor, comparativamente às de média e alta escolaridade. E esse tipo de comportamento diferenciado indica que, entre as menos escolarizadas, a queda da fecundidade estaria relacionada ao processo de terminação da parturição, já que elas iniciariam a reprodução precocemente, mas finalizariam o processo reprodutivo a idades também jovens. Por outro lado, entre aquelas mais escolarizadas, o declínio da fecundidade estaria ligado ao adiamento constante da entrada à maternidade, levando ao estreitamento do tempo para reprodução. Assim, a nova realidade reprodutiva, indicada na revisão da literatura, não parece atingir a todos os segmentos populacionais, mas apenas os estratos de escolaridade mais elevada, entre os quais é possível notar as transformações apontadas por Rosero-Bixby et al. (2009), por exemplo. No entanto, dadas as transformações observadas em todos os indicadores, para as mulheres de baixa escolaridade, ao longo do tempo, não é difícil de acreditar que a realidade vivenciada pelas mulheres mais escolarizadas em meados da década de 2000 também serão verificadas entre as mulheres de escolaridade mais baixa, em um período futuro.

CONCLUSÃO:

No primeiro período, de fecundidade acima do nível de reposição nos três países, o perfil reprodutivo era caracterizado pelo baixo uso de contracepção entre as jovens (15-24); pela superioridade dos métodos contraceptivos modernos entre as que usavam; pela elevada proporção de mulheres que tinham filho quando usaram método pela primeira vez, e ainda pela idade mediana ao ter o primeiro filho próximo ao abaixo dos 23 anos, com uma minoria das jovens chegando às idades 20-29 anos sem filhos. No terceiro período, em que a

fecundidade já estava em um nível mais baixo, o perfil reprodutivo apresentava uma nova configuração, marcada pela elevada prevalência no uso de contraceptivos, inclusive entre as jovens, sendo os métodos modernos os mais recorridos; a proporção de mulheres tendo filho antes de fazer uso de contracepção pela primeira vez tornou-se menor, sendo minoria entre as coortes mais jovens, embora a idade mediana ao ter o primeiro filho não tenha se alterado muito em relação ao primeiro período; e uma parcela significativa de jovens de 20-29 anos não tinha filhos.

As diferenças no comportamento dos indicadores entre o primeiro e o terceiro período indicam que o perfil reprodutivo tem sofrido alterações ao longo do tempo, na medida em que a fecundidade declina. Certamente, nem todos os indicadores sofreram mudanças no mesmo ritmo em que houve queda da fecundidade, como é o exemplo da idade mediana ao ter o primeiro filho, que manteve valores muito próximos ao longo dos períodos. Isso significa que ainda há características, no padrão reprodutivo mais atual, remanescentes da época do início da transição da fecundidade, demonstrando que algumas transformações no comportamento sexual e reprodutivo levam mais tempo para acontecerem. Isso ajuda a entender o processo de rejuvenescimento da estrutura etária da fecundidade na América Latina e sua manutenção até a atualidade. Mesmo assim, é importante ressaltar que os resultados apresentados mostram que o declínio da fecundidade é, de fato, acompanhado por mudanças importantes no perfil reprodutivo, acometendo, principalmente, as coortes mais jovens.

No que se refere aos países, as diferenças entre Brasil e El Salvador eram elevadas para a maioria dos indicadores, mas, no último período de análise, essas distinções diminuíram, fazendo com que os perfis reprodutivos desses dois países se aproximassem. Desse modo, países com níveis diferentes de fecundidade podem apresentar perfis reprodutivos igualmente distintos. No entanto, na medida em que a fecundidade declina, a tendência de comportamento dos indicadores torna-se a mesma, diminuindo a desigualdade entre eles. Foi o que se sucedeu com Brasil e El Salvador. O mesmo não parece ter ocorrido, contudo, por nível de escolaridade, uma vez que o descenso da fecundidade não chegou a minimizar a grande lacuna que separava as realidades reprodutivas dos níveis extremos, apesar dos avanços nos indicadores entre as mulheres menos escolarizadas, nos três países.

A análise temporal de alguns indicadores de comportamento reprodutivo, entre países e por escolaridade, oferece insumo para entender a dimensão da desigualdade, no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, entre os países e dentro dos países, paralelamente às diferenças na

fecundidade. E como essa desigualdade evoluiu no tempo, numa tendência decrescente, na medida em que a configuração do perfil reprodutivo se transformou. Desse modo, os dados aqui apresentados representam um retrato instantâneo de diferentes cenários reprodutivos em momentos específicos. Isso permite observar as mudanças que aconteceram, as características que permaneceram, além de possibilitar comparações e apontar as modificações esperadas em determinado contexto com base nos cenários mais avançados no processo. Ou seja, os resultados obtidos indicam qual tem sido o caminho reprodutivo da ALC, dentro da transição da fecundidade.

Nesse sentido, esse trabalho oferece ferramentas que permite entender as circunstâncias do declínio da fecundidade e sua relação com as mudanças em curso no comportamento sexual e reprodutivo das mulheres. Assim, a transição da fecundidade pode ser percebida por meio de uma perspectiva mais ampliada, já que passa-se a ter acesso aos fatores por detrás de determinado nível de fecundidade, ligado a uma realidade reprodutiva característica. Destarte, conhecer o contexto reprodutivo que acompanha a fecundidade é tão ou mais importante que observar o próprio nível de fecundidade de uma população, pois as mudanças levadas a efeito nesse contexto têm implicações significativas na fecundidade, muitas vezes, irreversíveis.

Por fim, cabe destacar que todas as mudanças apontadas nesse trabalho, e que estão em curso nos países latino-americanos analisados, têm de ser consideradas pelos formuladores de políticas públicas, pois elas representam novas demandas por parte da população, bem como pelos estudiosos do assunto, pois indicam os novos trajetos por onde caminhará o comportamento sexual e reprodutivo das novas coortes na América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BONGAARTS, J.; WATKINS, S. C. (1996). “Social Interactions and Contemporary Fertility Transitions”. *Population and Development Review*, Vol. 22, No. 4, pp. 639-682.

CAVENAGHI, S.; BERQUÓ, E. S. (2014). “Cap. 3: Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 200 a 2010”, em CAVENAGHI, S.; CABELLA, W. (org.). *Comportamiento reproductivo y fecundidad en América Latina: una agenda inconclusa*. Serie de Investigaciones, n. 3, 1a edición, Rio de Janeiro, p. 67-90.

CHACKIEL, J; SCHKOLNIK, S. (1990). “América Latina: transición de la fecundidad en el período 1950-1990”. Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (CELADE)-División de Población de la CEPAL, *Serie A*, n. 200, 40p.

FREJKA, T.; SARDON, J.-P. (2006). "First birth trends in developed countries: persisting parenthood postponement". *Demographic Research*, Germany: Max Planck Institute for Demographic Research, Vol. 15, No.6, pp. 147-180.

GARCÍA, B.; ROJAS, O. (2001). "Recent transformations in Latin American families: A sociodemographic perspective". Paper presented in XXIV IUSSP General Population Conference, Salvador de Bahía, Brasil, August 18-24. Disponível em: http://www.archiveiussp.org/Brazil2001/s40/S45_01_GarciaRojas.pdf. Acesso em: 20-10-2013.

GUZMÁN, J. M.; RODRÍGUEZ, J.; MARTÍNEZ, J.; CONTRERAS, J. M.; GONZÁLEZ, D. (2006). "The Demography of Latin America and the Caribbean since 1950". *Population-E*, Vol. 61, No. 5-6, pp. 519-576.

HEATON, T. B.; FORSTE, R.; OTTERSTROM, S. M. (2002). "Family transitions in Latin America: first intercourse, first union and first birth". *International Journal of Population Geography*, Vol. 8, No. 1, pp. 1-15.

KOHLER, H-P.; BILLARI, F. C.; ORTEGA, J. A. (2002). "The Emergence of Lowest-Low Fertility in Europe during the 1990s". *Population and Development Review*, Vol. 28, No. 4, pp. 641-680.

MUNDIGO, Axel (1992). "Los programas de planificación familiar y su función en la transición de la fecundidad en América Latina". En: *Notas de Población*, n.2 55. Santiago, Chile.

PENFOLD, M.; GUZMÁN, G. R. (2014). "La creciente pero vulnerable clase media de América Latina. Patrones de expansión, valores y preferencias". *Serie Políticas Públicas y Transformación Productiva*, n. 17, CAF, em: <http://scioteca.caf.com/handle/123456789/325#sthash.pm6xfdAc.dpuf>, Acesso dia 15-03-2016.

ROSETO-BIXBY, L. (1996). "Cap. 7: Nuptiality trends and fertility transition in Latin America", em GUZMÁN, J. M.; SINGH, S. RODRÍGUEZ, G.; PANTELIDES, E. (eds.). *The fertility transition in Latin America*, Oxford, U.K.: Oxford University Press, pp. 135-150.

ROSETO-BIXBY, C., CASTRO-MARTÍN, T., MARTÍN-GARCÍA, T. (2009). "Is Latin America starting to retreat from early and universal childbearing?", em *Demographic Research*, Germany: Max Planck Institute for Demographic Research, Vol. 20, pp. 169-194. www.demographic-research.org.

TSUI, A. O. (1985). "Chapter 6: The Rise of Modern Contraception", em Cleland, J.; Hobcraft, J. *Reproductive change in developing countries*. Oxford: Oxford University Press, pp. 115-138.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, POPULATION DIVISION (UN DESA) (2002). "Fertility Levels and Trends in Countries with Intermediate Levels of Fertility", em *Completing the Fertility Transition. Report of the Expert Group Meeting on Completing the Fertility Transition*. ESA/P/WP.172/Rev. 1. New York: United Nations. pp. 139-163. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/publications/completingfertility/RevisedFFPSPOPDIVpaper.PDF>. Acesso em 02-10-2013.

VIGNOLI, J. R. (2005). "Adolescent reproduction: the case of Chile and its policy implications", em *CEPAL Review*, No. 86. LC/G. 2282-P. Santiago de Chile. United Nations publication. pp. 117-140.

ZAVALA DE COSÍO, M. E. (1992). "La Transición Demográfica en América Latina y en Europa", em *Notas de Población*, vol. 20, n. 56, p. 11-32.

Anexo I: Lista dos países selecionados

Tabela A1: Lista dos países selecionados, com data e nome das fontes de dados. América Latina e Caribe.

País	Ano	Survey (nome e sigla)
1. Brasil	1986	Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar - PNSMIPF
	1996	Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde - PNDS
	2006	Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher - PNDS
2. Colômbia	1986	Demografía y Salud de Colombia - ENP
	1995	Encuesta Nacional de Demografía y Salud - ENDS
	2010	Encuesta Nacional de Demografía y Salud - ENDS
3. El Salvador	1985	Encuesta Nacional de Salud Familiar - FESAL
	1998	Encuesta Nacional de Salud Familiar - FESAL
	2008	Encuesta Nacional de Salud Familiar - FESAL

Fonte: www.measuredhs.com; www.ccpucr.ucr.ac.cr/censos; www.ghdx.healthdata.org (acesso em 06-03-2016)

Anexo II: Tabelas com os resultados gerados para uso de contracepção.

Tabela 2.1. Proporção (%) de mulheres que declararam, na data da pesquisa, estar usando método contraceptivo, por tipo de método, bem como aquelas que declararam não estar usando, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

Uso atual de método contraceptivo	1º Período						2º Período						3º Período					
	Brasil - 1986						Brasil - 1996						Brasil - 2006					
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
Não está usando	92,2	66,5	44,6	34,4	37,0	39,6	85,2	56,2	35,3	24,6	24,7	28,8	63,8	34,3	28,4	21,7	20,6	20,5
Método Moderno	6,8	28,3	50,0	55,7	53,5	47,9	13,2	40,7	59,0	70,3	70,1	66,2	35,0	64,4	69,0	74,9	76,3	75,7
Método Tradicional/Folclórico	1,0	4,6	5,3	9,5	9,1	12,0	1,5	3,1	5,5	5,1	5,1	4,3	1,1	1,2	2,4	3,2	2,7	3,6
Outros	0,0	0,6	0,1	0,3	0,4	0,5	0,1	0,1	0,2	0,1	0,2	0,7	0,1	0,1	0,2	0,2	0,4	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N = 5892						N = 11420						N = 15575					
Uso atual de método contraceptivo	Colômbia - 1986						Colômbia - 1995						Colômbia - 2010					
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
	95,1	69,2	48,9	39,2	36,0	44,0	89,0	61,2	43,0	35,4	31,5	33,7	73,5	41,0	30,8	26,2	25,6	25,7
Não está usando	3,7	25,2	44,5	49,4	52,7	44,7	7,6	30,0	46,2	53,3	58,4	56,4	24,3	55,1	64,6	69,2	69,8	68,4
Método Moderno	1,0	5,1	6,2	10,3	10,8	10,3	3,0	7,2	9,6	10,3	9,3	8,8						
Método Tradicional/Folclórico													2,2	3,8	4,4	4,5	4,4	5,5
Outros	0,2	0,6	0,4	1,1	0,5	0,9	0,3	1,7	1,2	1,1	0,9	1,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N = 4950						N = 10172						N = 43747					
Uso atual de método contraceptivo	El Salvador - 1985						El Salvador - 1998						El Salvador - 2008					
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
	94,3	76,9	54,8	44,4	49,3	54,9	91,7	73,1	53,9	41,2	37,5	38,1	84,9	60,3	43,8	35,9	34,4	32,4
Não está usando	5,4	21,3	42,7	53,6	46,7	42,6	6,5	23,8	42,2	54,3	58,2	58,1	13,4	35,7	52,0	58,8	60,8	63,3
Método Moderno	0,3	1,8	2,5	2,0	4,0	2,5	1,8	3,0	3,9	4,5	4,3	3,7	1,7	4,1	4,2	5,3	4,9	4,3
Método Tradicional/Folclórico																		
Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N = 4789						N = 16635						N = 15409					

Fonte: Pesquisas DHS e RHS (Ver Anexo I).

Tabela 2.2. Proporção (%) de mulheres que declararam, na data da pesquisa, estar usando método contraceptivo, por tipo de método, bem como aquelas que declararam não estar usando, segundo categorias de escolaridade, para países selecionados, nos três períodos de análise. América Latina e Caribe. Mulheres de 15-44 anos.

a) Primeiro período:

País	Uso atual de método contraceptivo	Nenhuma/Baixa escolaridade						Média escolaridade						Alta escolaridade					
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
Brasil 1986	Não está usando	89,3	63,1	52,7	37,6	46,4	48,6	92,0	63,7	37,4	30,8	30,4	27,3	93,8	70,6	46,1	34,4	28,8	34,1
	Método Moderno	9,4	31,3	42,7	52,9	43,5	41,0	6,6	31,2	57,3	61,4	58,8	59,0	5,7	24,4	47,8	53,1	64,4	50,0
	Método Tradicional/Folclórico	1,3	5,6	4,6	9,4	10,1	10,3	1,4	5,2	5,4	7,8	10,8	13,7	0,6	5,1	6,0	12,6	6,8	15,9
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N = 1745							N = 2116						N = 2022						
Colômbia 1986	Não está usando	94,1	66,0	51,8	40,6	39,2	45,2	95,1	61,7	40,9	34,9	32,7	45,5	95,7	76,4	54,6	42,3	34,6	33,3
	Método Moderno	4,5	27,4	40,4	46,8	51,4	42,7	4,1	30,1	52,5	55,0	55,4	45,5	2,7	20,6	39,4	46,4	50,7	53,3
	Método Tradicional/Folclórico	1,4	6,6	7,8	12,6	9,4	12,1	0,8	8,3	6,5	10,1	11,9	9,1	1,6	3,0	6,0	11,4	14,7	13,3
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N = 1409							N = 1921						N = 1615						
El Salvador 1985	Não está usando	95,9	78,3	63,5	53,2	56,9	62,2	92,6	74,9	47,9	38,3	44,4	48,6	95,1	77,5	51,1	39,8	34,1	34,0
	Método Moderno	3,7	21,4	35,9	46,1	41,3	36,3	7,4	23,9	49,7	60,5	50,6	50,0	4,5	19,4	43,7	55,3	56,0	55,3
	Método Tradicional/Folclórico	0,4	0,3	0,6	0,7	1,8	1,5	0,0	1,2	2,4	1,2	5,0	1,4	0,4	3,2	5,2	5,0	9,9	10,6
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N = 1667							N = 1637						N = 1488						

b) Segundo período:

País	Uso atual de método contraceptivo	Nenhuma/Baixa escolaridade						Média escolaridade						Alta escolaridade					
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
Brasil 1996	Não está usando	85,4	60,3	32,4	26,1	28,4	31,6	84,1	50,4	31,3	21,3	20,5	25,3	87,4	58,8	41,9	25,7	22,4	26,5
	Método Moderno	12,5	36,7	62,2	69,0	66,9	62,5	14,5	47,0	65,3	72,7	74,1	72,3	11,4	37,3	50,2	69,6	71,4	67,9
	Método Tradicional/Folclórico	2,1	3,0	5,4	4,9	4,7	5,9	1,4	2,7	3,3	6,0	5,4	2,4	1,1	3,9	7,9	4,7	6,2	5,7
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 4071						N = 3882						N = 3462					
Colômbia 1995	Não está usando	86,5	60,1	39,8	32,2	32,5	36,7	90,3	54,5	34,9	32,6	22,5	34,1	89,4	66,6	51,0	41,1	36,4	26,0
	Método Moderno	9,1	30,9	48,1	55,1	57,4	52,7	6,4	34,7	54,4	56,6	67,0	57,2	8,0	26,0	39,3	48,8	53,5	64,6
	Método Tradicional/Folclórico	4,4	8,9	12,0	12,6	10,2	10,6	3,3	10,8	10,8	10,9	10,5	8,7	2,7	7,4	9,7	10,2	10,0	9,4
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 3853						N = 2963						N = 3356					
El Salvador 1998	Não está usando	91,5	74,0	59,7	44,7	45,1	47,4	90,2	67,0	47,4	38,5	34,5	30,1	93,7	76,7	53,4	39,9	30,4	29,5
	Método Moderno	7,1	23,8	37,4	51,5	51,3	50,8	7,6	30,5	49,0	57,3	63,4	66,7	5,0	19,4	41,6	54,8	62,3	62,2
	Método Tradicional/Folclórico	1,5	2,2	2,9	3,9	3,5	1,9	2,3	2,5	3,7	4,2	2,1	3,1	1,3	3,9	5,0	5,3	7,4	8,6
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 5065						N = 5414						N = 6156					

c) Terceiro período:

País	Uso atual de método contraceptivo	Nenhuma/Baixa escolaridade						Média escolaridade						Alta escolaridade					
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
Brasil 2006	Não está usando	71,8	37,3	25,4	20,0	19,8	20,1	64,8	30,5	26,1	21,7	12,6	24,3	54,1	35,5	30,8	23,2	25,9	18,7
	Método Moderno	28,2	61,1	72,8	77,1	78,5	74,5	33,8	68,0	72,1	75,3	85,1	74,8	44,3	63,4	65,7	72,7	69,7	77,6
	Método Tradicional/Folclórico	0,0	1,4	1,9	2,9	1,6	5,2	1,4	1,5	1,8	2,8	1,7	0,9	1,1	0,9	3,1	3,7	3,8	3,6
	Outros	0,0	0,2	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,0	0,2	0,4	0,0	0,6	0,2	0,4	0,4	0,5	0,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 4814						N = 4691						N = 5934					
Colômbia 2010	Não está usando	73,5	39,0	26,9	22,4	21,1	23,7	75,2	40,0	28,5	24,5	26,1	25,0	62,0	43,1	36,8	33,0	32,6	32,5
	Método Moderno	23,4	55,9	67,8	73,9	73,7	70,4	22,7	56,1	66,4	70,4	70,4	69,2	35,7	53,6	59,8	61,8	62,1	61,7
	Método Tradicional/Folclórico	3,1	5,1	5,4	3,7	5,2	5,9	2,0	3,9	5,1	5,1	3,5	5,8	2,3	3,3	3,4	5,2	5,4	5,8
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 13166						N = 19822						N = 10758					
El Salvador 2008	Não está usando	77,9	55,9	41,4	37,5	36,4	35,6	85,6	49,0	38,1	35,3	33,3	28,8	87,5	69,7	50,3	34,9	32,5	30,3
	Método Moderno	21,4	41,5	55,6	58,7	60,1	61,2	13,4	46,5	57,7	59,6	61,4	64,0	9,0	25,8	44,6	58,0	61,2	66,5
	Método Tradicional/Folclórico	0,7	2,6	3,0	3,8	3,5	3,2	1,0	4,5	4,2	5,1	5,3	7,2	3,5	4,5	5,1	7,0	6,3	3,2
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
		N = 4656						N = 5447						N = 5303					

Fonte: Pesquisas DHS e RHS (Ver Anexo I).